

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Maria Aparecida Alves de Souza

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

São Paulo/SP

2025

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza/ Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec)

Levantamento de dados preliminares a entrevista: A professora e arquiteta Maria Aparecida Alves Souza, é professora pesquisadora no Centro de Memória da Etec Getúlio Vargas, em São Paulo/SP, desde 2023, atuando com projetos de pesquisa na área de Construção Civil, e participando de eventos promovidos pelo Grupo de Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica - GEPEMHEP.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: presencial, no Centro de Memória da Etec Getúlio Vargas

Data da entrevista: 26 de maio de 2025

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 36 minutos e 46 segundos

Número de vídeos: dois

Transcrição prévia: site gratuito TurboScribe.ai em 26 de maio de 2025 – 439 kb.

Número de páginas: 19

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do programa “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, que vem sendo realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, criando volumes específicos para as entrevistas com os curadores ou professores-pesquisadores em centros

de memória institucional, com a proposição de difundi-las dentro do projeto “História oral na educação: docentes em centros de memória”, inscrito na Plataforma Brasil – CAAE : 85926524.8.0000.8125, em 17/12/2024, e aprovado por Comitê de Ética indicado em 17/03/2025, e hospedado em percurso histórico no site de memórias.



Maria Aparecida Alves de Souza durante entrevista no Centro de Memória da Etec Getúlio Vargas.
Fotografia: Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 26/05/2025.

Transcrição da entrevista

Datas da revisão de transcrição da entrevista: 27 e 28 de maio de 2025

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Revisto pela colaboradora: 3 de junho de 2025.

Vídeo um (14 minutos e 20 segundos)

Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC): Boa tarde, professora Cida Souza.

Maria Aparecida Alves de Souza (MAAS): Boa tarde.

MLMC: Eu, Maria Lúcia Mendes de Carvalho, agradeço muito você estar concedendo hoje, que é dia 26 de maio de 2025, aqui no Centro de Memória da Etec Getúlio Vargas, essa entrevista para nós, do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica, que vai

fazer parte do Programa de História Oral na Educação: memórias do trabalho docente, e, especificamente, no projeto Docentes em Centros de Memória. Então, eu gostaria muito que você comentasse com a gente, contasse um pouco da sua história de vida, onde você nasceu; os cursos que você fez, até chegar no curso que você escolheu de arquitetura para a sua profissão; o que a motivou a escolher essa profissão; quando você ingressou no Centro Paula Souza, e, também no GEPEMHEP, a sua relação de pertencimento com a escola e com o Centro de Memória.

MAAS: Bom, boa tarde. Eu nasci em Santo André, e estudei em escola pública, estudei em uma escola comunitária. Meus pais foram para São Mateus, e lá eu estudei em uma escola comunitária de São Mateus, que fez toda a diferença, porque era um curso... Eles davam o curso do método Montessori para crianças de baixa renda. É uma escola especial. Aí, fiz o colégio em Santo André, quando eu estava fazendo o ensino médio, não era ensino médio, era... Médio? Era médio. Eu estava fazendo o médio, eu repeti o primeiro ano, porque foi o ano que eu comecei a trabalhar, e aí eu repeti, entrou o curso técnico, que é a década de 70, que todas as escolas tinham que ter curso técnico. E aí, o Américo Brasiliense (E.E. Dr. Américo Brasiliense) entrou Contabilidade, entrou Desenho de Arquitetura, Química, e já tinha Magistério, e é que eles são reconhecidos na região com magistério. E aí, eu fiz Técnico em Desenho de Arquitetura.

MAAS: Mas o motivo de eu querer fazer arquitetura antecede. A minha mãe era funcionária da Lorenzetti, aqui no Brás, e ela era sócia do Sindicato dos Metalúrgicos. A gente morava em São Mateus, e o sindicato tinha uma clínica na Praça da Sé, ali na Rua do Carmo. E eu vinha com ela trazer minhas irmãs pequenas para o médico, e eu queria saber como é que aqueles prédios tinham sido construídos, como é que fazia para fazer aquilo. Aí alguém me contou que tinha que ser arquiteta, e eu falei: - vou ser arquiteta. Imagina que eu ia entender que fazer arquitetura custava... eram outras histórias.

MAAS: Aí fiz o técnico, eu trabalhava como auxiliar de escritório na Fontoura, aí entrei na faculdade, fiz a Belas Artes à noite, quando foi na metade da Belas Artes, na metade do curso, a Fontoura mandou todo mundo embora, eu saí, aí eu fui trabalhando, fui para o CET. Aí comecei para terminar de pagar a faculdade. E desde que eu me formei, eu trabalho com arquitetura.

MLMC: E que ano você se formou?

MAAS: Em 1985. Vai fazer 40 anos esse ano. Ui, muito tempo, né, Maria Lúcia? Bom, mas são 40 anos, e desde então eu trabalho com arquitetura. Aí, dentro da arquitetura, eu fiz muita residência, depois eu fui para a arquitetura hospitalar. Trabalhei muitos anos e até hoje ainda faço projeto na área de arquitetura hospitalar. Hoje, no contrafluxo da escola, eu faço projeto de arquitetura. Essa, assim, profissionalmente.

MAAS: Como é que eu vim parar na Paula Sousa? Tinha um professor aqui da GV, Antônio Carlos Pereira, que trabalhava comigo numa empresa, que a gente trabalhava para a Caixa Econômica Federal, fazendo os projetos porque a Caixa fez esse projeto “As agências para o século XXI”. Isso em 97, eu e ele entramos juntos. E aí, eu que cuidava de 40 estagiários. Eu fiz projeto aqui, no interior, de acessibilidade, eu fiz muita agência da Caixa. E o Pereira virou para mim, quando abriu a... É a Etec aqui do lado, que é filial da GV?

MLMC: Sapopemba?

MAAS: Não, Heliópolis. Quando abriu a Heliópolis, o Pereira dava aula aqui, e falou: Cida, se inscreve, porque é legal dar aula. Eu falei: - imagina, não tenho jeito, não sou. Ele, assim, vai, você tem jeito, você cuida dos estagiários, você que toca os meninos. Não quis. Um ano depois, eu não estava bem na empresa, e ele falou assim: - agora não tem para concurso definitivo, é temporário, mas está aberto de novo, vai lá. Isso era março, fevereiro, março de 2010. Aí, eu prestei concurso, aí me inscrevi, e fui fazer a aula teste. E, assim, tem a minha carreira, né? Eu estava nessa empresa, não estava mais feliz, essa empresa que eu trabalhei para Caixa, mas no final não estava bom. Aí, a empresa que eu trabalhava com arquitetura hospitalar, eu tinha ido para o interior, tinha cortado. Eles me mandaram um recado, precisava de documentos de um projeto específico. Eu mandei. Aí, eu falei, bom, se eles acham que depois de cinco anos, eu ainda... Aí, eu mandei, ó, estou de volta, se tiver algum projeto *freelancer* lá, não sei o quê, me chamaram. Eu fiz a aula teste, foi depois do Carnaval, na quinta-feira de Carnaval. Fiz a aula teste, duas horas da tarde, passei, fui para a reunião na Santa Amália, passei, no mesmo dia, arrumei dois empregos. Troquei completamente de vida. Então, eu trabalhei aqui no Hospital do Bosque.

MAAS: Aí, trabalhei dois anos em Heliópolis, e não teve concurso. Eu fiquei seis meses fora e abriu um concurso para cá, para a GV e para Heliópolis. Nesse intervalo, a GV dava aula para as pessoas que prestam concurso para o Banco do Brasil. Aí, eu fui... A Maria Helena, que era coordenadora na época, que eu conheci em Heliópolis, me chamou. Então, eu dei aula aqui de abril a julho, nesse curso, uma vez por semana. Aí, eu soube que abriu aqui,

abriu Heliópolis, eu prestei aqui, prestei em Heliópolis, passei aqui primeiro, e estou aqui na GV desde 2012.

MLMC: Esse curso que você veio dar aula aqui, que era para ingressar funcionários do Banco do Brasil?

MAAS: Não, era da Petrobrás. Da Petrobrás.

MLMC: Mas era parceria com a APM?

MAAS: Parceria com a APM da escola. Eu não sei te dizer se era parceria. Eu só sei que, durante muito tempo a GV preparava os alunos que queriam prestar concurso na Petrobras, porque eles tinham que saber ler planta, eles tinham que... Algumas informações que a Petrobras passava, e a GV montava esse curso para...

MLMC: Mas eram alunos nossos?

MAAS: Não, eram alunos da Petrobras. Eles vinham e a parceria era assim: - os professores eram daqui. E eu dei aula de abril a julho. Era um curso curto, e aí eles iam prestar o concurso lá, mas a Petrobras os mandava se prepararem aqui.

MLMC: Entendi.

MAAS: Maluco, né? Ah, o GEPEMHEP, como é que eu fui? As plantas, assim, quando eu entrei aqui, eu fiquei encantada com o projeto desse prédio, o tamanho, e aí eu queria saber quem fez? Como é que pensou essa escola, em que época? Isso desde que eu pus o pé aqui dentro, em 2012. É, 2012. Aí, o Zé Roberto, que era um professor que tinha aqui, que se aposentou daquele grupo, Zé Roberto... Ah, agora eu não vou lembrar o sobrenome dele. Bom, mas o Zé (José Roberto Camargo) ele guardava todas as plantas do projeto original naquele prédio. Ele disse que numa das reformas que teve aqui, ele estava passando no corredor, tinha um monte de entulho, ele viu todas as plantas, perguntou para o pedreiro o que era aquilo, o pedreiro disse que era uma caçamba, e ele recolheu tudo. E nós temos aqui, arquivado no Centro de Memória, o projeto completo: arquitetura, elétrica, hidráulica, estrutura, todas as plantas originais.

MLMC: De todos os prédios?

MAAS: De todos os prédios.

MLMC: Que maravilha!

MAAS: Está tudo ali na estante. E eu já cataloguei aquela lista que você conhece. Aí, o Zé guardava isso na nossa sala dos professores de edificação lá embaixo. Quando o Zé se aposentou, tem dois anos e meio, três anos vai fazer agora.

MLMC: Em 2022, né?

MAAS: Isso. Que eles saíram agora em junho, né?

MLMC: Que foi PDI lá.

MAAS: PDI. Aí eu falei: - Zé, deixa eu cuidar das suas plantas? Posso? Aí ele deixou comigo as plantas, que ele cuidava. E aí eu falei com a Camila (Camila Polido Baís Hagio) que eu gostaria de fazer um trabalho em cima delas, entender, né? Porque eu acho que ela tem que ser um material vivo. As pessoas têm que consultar. Agora mesmo, a gente está tendo uma obra aqui no pátio que eles estão transformando o banheiro em sala de jogos. O professor que está cuidando disso, o professor Edson (Edson Luis Zopolato dos Santos), ele consultou todas as plantas para ver hidráulica, elétrica, para ver estrutura. Ele vinha aqui, botava a luva e consultava. Então eu acho que tem que ser isso. E aí eu comecei dessa forma, querendo cuidar dessas plantas e entender quem fez. Aí daí....

MLMC: E é um trabalho para vários anos, né?

MAAS: É um trabalho para vários anos, porque é só um novelinho, né? O primeiro ano eu fui entender, lendo todos os textos possíveis, como é que sai do Brás, como é que cria o projeto, como é que foi criado. Era a República Nova. Como é que chega, como é que se tem essa ideia. E como é que chega nessa escola que a gente tem até chegar em 64, quando muda para cá. E aí, o ano passado, eu fui achar quem era o arquiteto (Miguel Brada Jr.) que aí eu descobri que tinha sido professor aqui da escola. Ele foi professor até 1971. Quando é julho de 72, ele entrega o projeto. Então... E ele não fica mais professor, ele vai embora no final de 71. Então, o programa de necessidades daqui deve ter sido feito em conjunto com o diretor, com outros professores.

MLMC: Você já chegou a ler as entrevistas do Mário laneta?

MAAS: Todas. Todas as entrevistas do Mário. Li umas que a Camila fez com a... Rozzane (Rozzane Nalli Scaramucci Ruiz). Com a Rozzane. Li todos os textos. Tem uns textos, por exemplo, eu sou ruim de nomes, que fala das cargas horárias, como é que era. E, o ano passado, eu entrevistei o professor Afonso (Antônio Pereira Afonso), que ele entra aqui no final de 71. Ele entra no final de 71 para substituir uma professora, ele era muito jovem. E aí, em 72, ele vira professor de topografia e edificações. Ele é de eletrotécnica, mas, na época, o engenheiro tinha toda essa formação. Hoje, o engenheiro elétrico não tem topografia, mas, quando ele fez, tinha. E aí, o professor Afonso conseguiu me contar como é que era aqui antes, o número dos professores, em função de que ia reformar tudo, se eles iam ser mandados embora, como é que aconteceu a construção.

MLMC: E isso em que ano?

MAAS: O projeto chega em 72, a obra começa em 73, e ele disse que até 76 estava construída.

MLMC: Mas, eles aumentaram quantos pavilhões nesse período?

MAAS: Eles aumentaram. Aqui, onde nós estamos, que é o Bloco A, hoje é o Bloco D. Hoje é o Bloco D, era de madeira e tinha enfermaria, administração, tinha parte de refeitório, tinha cozinha, mas era de madeira. Onde é a quadra que tem a Mecânica? Já é o projeto de 64, que aí bate com o texto do Paulo. Quando o Paulo (Paulo Eduardo da Silva) descreve a escola dele, é o mesmo prédio, porque foi feito pelo Carvalho Pinto, a construção de sete escolas. É igualzinho, vê o texto do Paulo, você reconhece a nossa mecânica. E tem o Bloco do lado, que é o Bloco mais baixo aqui. Então, na realidade, ficou o Bloco da mecânica, que hoje tem a quadra, e ficou o que eu chamo de artes, porque hoje tem mecânica e artes lá. Esse Bloco que nós estamos, mais o Bloco D, é todo novo, não existia. Então, passou de 3 mil metros quadrados para 10 mil metros quadrados.

MLMC: E foi só nessa década, ou depois ampliou ainda mais?

MAAS: Não, a única coisa que ampliou foi a biblioteca. A única ampliação que teve aqui foi a biblioteca.

MLMC: Em que ano?

MAAS: Ah, tem que olhar. A biblioteca é mais nova, mas ela é a única coisa, não teve.

Vídeo dois (22 minutos e 27 segundos)

MLMC: Cida, você poderia falar um pouco mais como é que funcionou essa sua escola comunitária, se ela era pública, de que idade você, que período você ficou lá estudando?

MAAS: A escola comunitária, ela é, eu morava em São Mateus, né, na década de 60. São Mateus era uma fazenda que virou bairro, que as pessoas de baixa renda iam, a água era poço e a luz vinha da avenida emprestada, né, que tinha que ser. Aí, eu estudava, eu fazia, eu fiz o pré-zinho, minha mãe botou não sei onde, e aí eu fui para o primeiro ano na escola pública. Só que, nesse período, nós mudamos para lá, acho que em 63. Acho, 64, vai um padre para lá, meio retirado daqui, porque ele era muito moderninho, né, ele gostava, ele defendia a democracia. E aí, o padre Ary é mandado pra São Mateus. Quando, e ele, ao mesmo tempo, dava aula para o Sion, para as alunas de Pedagogia, não, não era pedagogia, né, magistério, porque ele dava aula no Sion.

MAAS: E aí, ele chegou lá, ele conhecia as famílias, e ele disse, eu entrevistei por causa da minha irmã. Ele foi, um dia, as alunas dele falaram que queriam mudar o mundo, aquelas coisas de... Ele falou assim, então, vão dar aula lá para minha comunidade. Você quer mudar o mundo? Vamos embora! As meninas ficaram assustadas, mas tinha uma freira, a irmã Albertina, que falou assim, eu topo. E aí, eles montaram a escola comunitária de São Mateus. Na década de 60, teve, acho que uma, 12, que minha irmã fez, Pedagogia na USP. E aí, falaram das escolas, não tinha essa. Aí, nós fomos entrevistá-lo, e aí, né... Bom, ele vai com mais três professoras.

MLMC: Qual era o nome desse padre?

MAAS: Padre Ary Jolly. Aí, ele vai, eu tenho contato com ele até hoje. Ele vai para lá, com a irmã Albertina, e tem três meninas, três alunas, três recém-formadas, a tia Ana, a tia Vera, e a tia Maria Luísa. Aí, o meu irmão faz o pré-zinho lá, e eu, no primeiro ano, lá no grupo escolar, sujo, a mulher batia com régua na minha mão, aquelas coisas. Eu, no final do meu primeiro ano, minha mãe fala assim: - filha, você não quer voltar um ano e estudar com o seu irmão

na escolinha? A escolinha era limpa, era linda. Aí, eu fui. E o que que o padre Ary falou? Ele pegou o método Montessori aplicou lá na escolinha. E o que que eles queriam saber? Se eles dessem a mesma educação para crianças de baixa renda, aonde elas chegariam? Porque eles não sabiam, é década de 60. E aí, eu tive alemão, eu tinha ioga, eu tinha alimentar, e eu tinha todas as disciplinas, né? Eu terminei na década de 70, eu terminei em 1970. É, terminei em 70. Aí, eles dão isso para gente, e eles colocam assim, era aniversário, então, elas traziam a gente para vir ver(em São Paulo) o Holiday on Ice, todo mundo que fez aniversário até julho. Aí, quem fez de agosto até dezembro, elas traziam aqui(em São Paulo). E eu tenho para mim, elas nunca disseram, mas elas diziam assim, você pode ser o que quiser, né?

MLMC: Mas você, em 70, você terminou o fundamental.

MAAS: Fundamental.

MLMC: E daí, você fez o colegial.

MAAS: Aí, eu fiz o ginásio, numa escola pública de São Mateus.

MLMC: Ah, nessa época, então, ainda no quarto ano.

MAAS: Isso. Então, a escolinha me dá essa base, né, de que você pode, então, eu podia ser arquiteta, não tem problema, e que ensinar, então, aqui, ensinar para os meus pequenos aqui na GV, principalmente os mais novos, é devolver um pouco, porque tem uma relação única, né? Aí, a gente vai para o ginásio, só que aí, o padre Ary Jolly consegue que a gente fique todos na mesma sala. Nós éramos 15, e aí, da primeira turma, e aí, ele vai. E o ginásio de São Mateus também tinha recebido um monte de professor que não era agradável fora da região. Aí, eu tive um ginásio muito bom. Quando chega para fazer o colégio, a minha mãe achava que estudar era fundamental. A minha mãe, a gente é de Santo André, né? Minha mãe vai até Santo André e fala: Oh, a melhor escola pública que tem é o Américo, é para lá que vocês vão. E aí, eu e meu irmão não tivemos opção. A gente prestou vestibulinho e foi estudar à noite porque precisava trabalhar.

MLMC: E como é que é o nome completo dessa escola, do Américo?

MAAS: Doutor Américo Brasiliense. Escola Estadual Doutor Américo Brasiliense. Ela é enorme, do lado da prefeitura. O prédio, aquele prédio, é do início do século, eu acho que

assim, década de 30, 40, do século XX. E aí, meus irmãos estudaram, eu e meu irmão estudando, depois minha irmã do meio estudou, e a minha irmã caçula, que foi fazer depois a USP, e a gente fez a pesquisa, todos estudamos no Américo. Então, estudar era fundamental, não tinha...

MLMC: Eu gostei muito dessa sua fala, de que você ter estudado em escola pública e vir trabalhar como docente numa escola pública, é um retorno daquilo que a gente recebeu. E eu penso exatamente como você. Depois que me aposentei, me dediquei, prestei concurso na Paula Souza, até porque eu trabalhava na indústria com os técnicos e eles tinham conhecimento e uma vontade, uma garra de trabalho. Isso foi na década de 80, na indústria. E daí é um prazer trabalhar no Centro Paula Souza.

MAAS: Eu acho assim, à noite, por exemplo, de manhã a gente tem... O público está mudando, mas a gente tem um público entre 14 e 18 que eles iam para a faculdade. Agora, eles já começam a fazer estágio do segundo ano e nem sempre vai para a faculdade direto, aí vão fazer outras coisas, mas era, e mesmo agora, os nossos alunos entram em escola pública. Metade entra na Unesp, entra em Campinas, entra na USP. Então, é legal ter uma escola que dá essa condição. E à noite, o que a gente faz é assim, é modular, metade já vem trabalhando em obra, a outra metade tem interesses diversos. A gente tem aluno, à noite, hoje, de 17 a 60, na mesma sala. E o nosso objetivo, o meu e da Sandra, (Sandra Regina Palmieri Duarte) que é a coordenadora, é que eles saiam todos trabalhando na área. Então, a Sandra fica procurando estágio e a gente fica indicando, os amigos indicam, porque eu acho que aqui tem que dar um salto para eles e eu falo que eu não exijo menos, tem que ser o máximo, não pode. Bom está ruim para mim, porque eles têm que chegar no mercado de trabalho e serem bons, serem competentes. E a GV dá isso, tem 113 anos.

MLMC: E essa área de Edificações, você vê que, por exemplo, no GEPEMHEP, quando eu assumi o projeto de Memórias, eu escolhi construção rural, mecânica, construção civil, quer dizer, construção rural, é porque eu sou engenheira agrícola. Mas no meu curso, essas duas áreas são fundamentais, mecânica e construção civil. Mas você vê que no Brasil, até hoje, é um mercado sempre crescente, é uma necessidade.

MAAS: É sempre assim, a construção civil, ela para, é a primeira que para quando tem uma crise. Eu passei por todos os planos econômicos, eu tive escritório, então ela é a primeira que para, mas é a primeira que retorna. Eu comecei a trabalhar na construção civil em 1985, eu comecei antes como estagiária, dois anos antes, um ano antes, mas como profissional, e é

assim, antes, o profissional da construção civil não tinha formação, o profissional pedreiro, o ajudante, era o cara que se formou sozinho, prendeu com o pai, aprendeu com o amigo, só que as construtoras estão, a construção civil está crescendo. Então, hoje, eles vêm aqui, além de aprender a prática que eles amam, estou falando da noite, eles vêm aprender as técnicas novas, porque a gente ensina o que está no mercado. Então, eles vêm para cá com o objetivo de aprender as técnicas novas. A semana passada, na outra, eu dou projeto, uma das aulas que eu dou é de projeto, eu peguei o pessoal do segundo, eu trouxe para eles verem as plantas (projeto de arquitetura do prédio/1972), eles ficaram encantados. Eu mostrei que eram feitas à mão, eles não acreditaram, eu mostrei como é que eu desenhava, eles acharam que era impossível, e aí eu provei para eles que o que eles estão fazendo hoje, 50 anos depois, é igualzinho, só muda o que eles fazem no computador, que é mais fácil, é mais rápido, depois que aprende. Mas eles têm que projetar, eles têm que dar as mesmas informações, as informações não mudaram em 50 anos.

MLMC: E a criatividade depende deles, da leitura, não só da tecnologia.

MAAS: É a tela do computador e a tela de um papel em branco são iguais, só funciona se eles fizerem, então não adianta, não tem o botãozinho do computador que cria o projeto, quem desenha o projeto, são eles. E aí eu vi, eu trouxe para eles verem as plantas, para eles entenderem esse movimento, que é deles que tem que sair ideia.

MLMC: Nós estamos agora num processo com nova gestão, que não conhece exatamente o nosso trabalho ainda, um trabalho de 28 anos, que começou com a Júlia Falivene, com o apoio da professora Dra. Carmen Silvia Vidigal, lá da Faculdade de Educação da USP. E nós, mesmo do GEPEMHEP, nós estamos aqui desde quando, nós começamos, no final de 2008. E coletando o material, eu achei muito interessante você contando como chegaram essas plantas que você tem anos e anos agora para trabalhar, e que é importante para trabalhar. Se nós queremos trabalhar com desenvolvimento e pesquisa no Centro Paula Souza, pesquisas tecnológicas, os Centros de Memória têm um papel fundamental por causa dos seus acervos.

MAAS: Tem. Sempre a gente tem, por ser uma escola de 113 anos, e a Camila faz um trabalho belíssimo já há bastante tempo, a gente tem muita gente que veio pesquisar aqui. Agora nós estamos com uma aluna do SENAC que estudou aqui, fez Design aqui, e ela quer fazer uma intervenção na escola. Aí ela veio, eu falei: - olha, não dá fazer intervenção na escola. Conteí, falei assim, eu também queria, mas aí a minha coordenadora lá na Paula Souza, Maria Lucia,

falou: - calma, vamos por pedaços, e aí ela está pesquisando. Ela já pesquisou, leu todos os nossos livros do Centro, tudo que está lá no Centro de Memória, ela já leu os artigos, já pesquisou, então ela chega aqui com as informações que ela tem do Centro de Memória, e agora ela quer outras informações. Por exemplo, ela mandou um e-mail sobre que o Volpi foi aluno daqui. Falei: - foi, só que você vai ter que vir aqui junto com a Camila e procurar nos livros de registro.

MLMC: E o pessoal também tem que ter clareza, é o nosso papel também comunicá-los, quando eles vêm para o Centro de Memória, que nós temos vestígios. E por isso a gente trabalha com a metodologia de história oral. E vai entrevistar ex-professores e recebe material às vezes, porque o que a escola guarda nos seus arquivos oficiais são prontuários de alunos, são prontuários nossos como funcionários, professores. Mas as práticas escolares, os documentos das práticas, eles vão embora. E às vezes nem o pedagógico fica. Como você falou, encontrou na caçamba.

MAAS: Encontrou, o Zé e encontrou na caçamba.

MLMC: Que são documentos fundamentais para a instituição, até para a reforma.

MLMC: Porque você vai quebrar... Você tem que saber onde estão os encanamentos, por onde começa.

MAAS: E essas plantas, agora, têm os hiatos. Como diz você, a gente tem informações e vai preenchendo. Quando eu comecei essa pesquisa, eu falei: - vou na Secretaria de Educação ver o que tem de projeto. Aí mandei um e-mail, me identifiquei, eles foram gentis, responderam em uma semana. Eles não têm nada. Eles não têm nada do projeto dessa escola. Eles têm dois croquis que foram feitos em 84, aqui pela escola. Eu tenho os croquis guardados aí, que mostra uma planta de cima dando as áreas, quantos blocos nós temos e a área construída. É isso que tem lá, não tem a planta.

MLMC: Mas você sabe que tem um documento que é antes de 64, que foi autorizado a queimar documentos da escola. Isso está na dissertação de mestrado da Iomar, que foi orientada da professora Carmen Silvia Vidigal. E lá na Carlos de Campos, a gente ouviu isso nos depoimentos. Até a roca que tinha na escola foi queimada da Escola Profissional Feminina. Então nós temos também esses problemas. Eu mesmo trabalho muito na minha pesquisa de alimentação e nutrição com arquivos pessoais que eu fui coletando.

MAAS: Aqui eu nunca ouvi isso. Tem funcionários antigos aqui, não tem essa coisa de foi queimado ou não tem mais. A gente tem um documento que a Secretaria de Educação deveria ter. Como é que autoriza? Porque autoriza um projeto do porte desse projeto. Tem duas questões: - primeiro, como é que autoriza um projeto do porte desse projeto e não teve concurso? Tem uma documentação?

MLMC: Então tinha, eu até tenho um artigo de 2012, nos meus artigos, de uma palestra que eu dei lá na Biblioteca de Maestros em Buenos Aires, no Ministério da Educação. Daí eu peguei o nosso álbum que tem as construções antigas e, também fui estudar o processo, como é que funcionavam essas escolas, a reforma e a criação de novos prédios. Nesse artigo, eu cito as instituições dentro do governo, que, inclusive, foram profissionais que vieram do Rio de Janeiro, que era a capital, porque eu mesmo não sabia. E tem até a questão da Escola Parque, do Anísio Teixeira. Depois eu vou até te passar, que vale a pena para dar. Agora, isso não significa que nós vamos encontrar documentação. Até porque essa portaria de 1962, por aí, ela permitiu que se queimasse documentos. E, assim, tem uma outra questão, que eu até mandei um e-mail a semana passada, como é que muda para cá, divide a GV em três em 64.

MAAS: Em 72, ela ganha um projeto do vulto que é esse projeto. Quem era esse diretor? Quem era esse momento histórico? Tá bom, era o tal do milagre econômico, mas não justifica. O que que justifica ampliar uma escola de 3 mil metros para 10 mil metros?

MLMC: Mas a ideia era criar os Centros Interescolares. Pode ter uma relação aí, que acabou não acontecendo do jeito que deveria. Tem até uns documentos do MEC. Isso daí, depois também, eu procuro nos meus arquivos e eu passo para você que pode ser que tenha alguma relação ali.

MAAS: Porque, você concorda, é um período muito curto. A gente, aqui, para reformar um banheiro leva dois anos para receber a verba. Imagina, você muda para cá em 64, da forma que foi, e aí em 72 você tem um projeto lindo, pronto, completo. Alguém era muito forte.

MLMC: É, mas tem relação. Eu acho que deve ter. É um problema para gente identificar que pode ter relação com essa criação dos Centros Interescolares. E a GV devia ser a menina dos olhos.

MAAS: Porque era assim, era a GV aqui, e a Carlos de Campos. E aí eles iam desenvolvendo E o Ipiranga, na época, devia, tinha muita, devia não. Eu falei, minha mãe trabalhava aqui na

Lorenzetti. Ao longo da linha do trem era só fábrica. Então, a pessoa saía daqui já como contratado. E muito bem contratado. Então, eu imagino que tudo aqui em volta era um celeiro para os nossos alunos. Então, talvez isso tenha animado. E o que eu falei que eu mandei o e-mail, eu sei, não tem o arquiteto daqui ele já morreu. Mas tem a neta dele, é arquiteta, tem um Instagram. Eu vi lá e aí eu mandei para ela um contanto da minha pesquisa e se tem alguma informação do avô dela, que eles guardaram sobre a construção da GV, que ela pudesse nos repassar alguma coisa. Não sei se vai responder.

MLMC: Eu vou até te dar uma notícia muito triste e isso inclusive valoriza o seu projeto aqui, assim, dessa preservação e dessa luta que você está começando, né? Começou conosco aí ano passado, né? Porque, assim, na live do patrimônio educativo que aconteceu semana passada da ANPEd, eles, a professora, Dra. Cristina Meneguello da Unicamp, que trabalha com patrimônio industrial e tal, ela contou o seguinte: - que o acervo do Lúcio Costa, o acervo arquitetônico, e do Paulo de Carvalho, que é outra figura fantástica, foram vendidos para Portugal. Então, nós não temos esse rico acervo.

MAAS: É totalmente do Paulo Mendes da Rocha.

MLMC: Nós não temos os acervos aqui conosco, entendeu? Então... o Museu de Portugal dá mais valor que a gente. – Não, não. outra, se você tem um estudante de arquitetura, ele tem que ter bolsa para estudar lá em Portugal, né? Então, isso mostra o quanto a gente não cuida do nosso acervo e a importância de a gente entrar com esse dossiê no IPHAN para continuar lutando por políticas públicas.

MAAS: Porque tem que ser, para poder digitalizar essas plantas e elas ficarem públicas, tem um custo?

MLMC: Então, mas também por isso não digitalizar tudo, mas a gente formar catálogo, mostrar que ele existe, garantir que vai ficar salvaguardado. E, para isso, a gente precisa de regulamentações internas, institucionais, porque nós somos funcionários públicos. As deliberações, as portarias, vêm de cima para baixo, né? A gente só mostra a necessidade para desenvolver bem o nosso trabalho.

MAAS: E a gente, assim, quando aposentar, passa para alguém. Oh, que nem o José Roberto fez comigo, sabe? Você cunha. – Sim.

MLMC: Essa sempre foi minha preocupação e por isso os nossos projetos, embora anuais, da gente escrever, da gente estar deixando esse registro para os que virão. Cida, eu vou interromper sua entrevista agora, porque eu vou ter que transcrevê-la. Vou te mandar os termos de autorização para que depois a gente possa divulgar. Também vou te mandar a transcrição, porque esse trabalho é de duas mãos, né? De autoria e coautoria. E assim que você aprovar, nós vamos hospedar no site de memórias. Muito obrigada.

MAAS: Boa tarde.

Descritores

História oral na educação
Memórias do trabalho docente
Docentes em centros de memória
Etec Getúlio Vargas
Centro de Memória
Maria Aparecida Alves de Souza
Maria Lucia Mendes de Carvalho
Técnico em Edificações
Plantas arquitetônicas
Plantas de Hidráulica
Plantas de Eletrificação
Centros Interescolares
Colégio Técnico
Oficinas Mecânicas

Dados Biográficos da Entrevistada



Maria Aparecida Alves de Souza – Pós-graduada na especialização em Avaliação de Impactos Ambientais e Processos de Licenciamento Ambiental, em 2023, pelo Senac. Especialização em Pedagogia pelo Centro Paula Souza, no ano de 2010. Especialização em Arquitetura Hospitalar, pela USP, em 1996. Arquiteta e urbanista, formada pela Faculdade de Belas Artes, em 1985. Trabalhou como profissional liberal, tendo escritório próprio, elaborando projetos residenciais, comerciais e hospitalares. Prestou serviço para a empresa JCH, por meio de sua empresa Urbanidades & Arquitetura, elaborando projetos para as agências da Caixa Econômica na capital e no interior de São Paulo, a princípio na modernização das agências e, depois, com foco na acessibilidade das mesmas. Elaborou projetos para várias empresas na área hospitalar e para o grupo Santamália Saúde por mais de 20 anos. Continua elaborando projetos na área hospitalar. Em 2010, prestou concurso para professora na ETEC Heliópolis e, em 2012, prestou concurso para a Etec Getúlio Vargas, onde leciona até hoje nos cursos de Edificações e Design de Interiores. No ano de 2023, ingressou no Grupo de Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica - GEPEMHEP.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho - Pós-doutora em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), Concepções, Rupturas e Permanências (2021), Edifícios, Patronos e Diversidade na Gestão Escolar (2022), História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores (2023) e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar,

artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Fonte: CV:

<http://lattes.cnpq.br/2330225376519419> Acesso em; 05 fev. 2025.

Anexos (documentos sigilosos e não ficarão aberto online ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Maria Aparecida Alves de Souza

Termo de uso de Imagem de Maria Aparecida Alves de Souza

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Maria Aparecida Alves de Souza